

Por dentro da guerrilha

Baptista da Silva

No extremo sudoeste da Argélia, próximo ao oásis *Robinet* ("torneira"), a poucos quilômetros da militarizada cidade de Tinduf, os dirigentes da Frente Polisário instalaram um centro para receber jornalistas e delegações estrangeiras. Seguramente é o local mais cosmopolita do deserto do Saara. *Robinet* é, a um só tempo, o ponto de chegada para quem, vindo de Argel, se prepara para conhecer a realidade dos campos de refugiados e o ponto de partida para quem entra nas regiões libertadas, hoje sob a administração da República Árabe Saarauí Democrática (Rasd).

Partimos para o interior durante a madrugada, a bordo de duas camionetes. *Robinet* fica a hora e meia de *Mahbés*, a 75 quilômetros da fronteira com a Argélia, passagem obrigatória para quem visita a Rasd.

Quem chega a *Mahbés* não pode deixar de perceber de imediato os vestígios da grande batalha de 19 de outubro de 1979, quando o Exército de Libertação Popular Saarauí conseguiu libertá-la. O que primeiro nos chama a atenção são as trincheiras calcinadas e as casamatas das Forças Armadas marroquinas, transformadas em tumbas dos soldados que ali combatiam. Há corpos carbonizados pelo calor escaldante que ainda se conservam nas posições em que morreram, como que mumificados pela areia; outros foram desenterrados pelo *siroco*, o vento do deserto, e se amontoam enfileirados.

Quando nossa caravana chega, é logo cercada fra-

O exército de libertação, sua organização e eficácia. Mais de mil quilômetros percorridos, onde a guerra está sempre presente

ternalmente por guerrilheiros. Nosso guia, Ahmed, se apressa em explicar: "Os marroquinos vieram aqui para morrer por nada. Estão longe de suas terras, longe de suas famílias. Pobre gente. Nossos combatentes contam que a desmoralização entre os militares marroquinos é muito grande. Não sabem por que lutam. Gente como essa que morreu aqui passa meses enterrada nas trincheiras e, quando tem que lutar, reage das maneiras mais diferentes. Uns enlouquecem, outros se matam, outros fogem e são capturados pelas nossas forças, perdidos no deserto, e há aqueles que ficam, mesmo sabendo que vão morrer."

Cuidado: terreno minado! – *Mahbés* são duas cidades numa só. Ambas estão quase completamente destruídas. A primeira é o que resta da antiga zona civil, onde vivia a população no tempo do colonialismo espanhol; a outra é zona militar. Hoje, a impressão que se tem é que as duas cidades se fundem numa só.

Essa impressão não é reforçada apenas pela militarização, mas também pela quantidade de envólucros de munição, granadas e capacetes de combate, espalhados por toda parte. No meio da área civil, ainda há os destroços de uma enorme bomba lançada entre as casas pela aviação marroquina. "Vocês não podem imaginar como isso aqui era lindo...", diz Ahmed, com ar nostálgico.

Estamos conversando sobre a cidade, quando um dos guerrilheiros se aproxima e faz uma advertência:

"Cuidado com as minas!". Ele explica que os marroquinos espalharam minas ao longo de todas as posições que ocuparam. Não só nas linhas defensivas, mas também nas linhas recuadas.

O resultado disso é uma situação tragicamente paradoxal: na maioria das vezes o exército marroquino, nas linhas avançadas, se vê no dilema de ter de enfrentar, à sua frente, o exército saarauí e, na retaguarda, um campo minado dos mais perigosos.

"Quando tomamos uma localidade – intervém Ahmed – nosso exército convoca imediatamente especialistas para desativar as minas. Mas,

Armamento marroquino capturado pelos saaraúis durante um combate





TAGENS

Apesar das duras condições, o moral é alto nas tropas saarauís retamente com a guerra, mas sim uma das inúmeras surpresas que o deserto reserva.

São espécies de palitos vermelhos, altamente incandescentes. "São bons para acender fogueiras", dizem, mostrando os palitos nas mãos.

Lebuirat, obra-prima da engenharia militar – Os especialistas são taxativos: as sucessivas linhas defensivas de Lebuirat são verdadeiras obras-primas da engenharia militar.

Não foram, porém, suficientemente eficazes para conter o ímpeto do exército de libertação. Nos primeiros ataques, em 6 de julho e 10 de agosto, ficou claro que os marroquinos seriam derrotados.

No dia 24, a guerra acabou. O Exército de Libertação, após cerrada fuzilaria, tomou a cidade. Foram libertadas duas centenas de saarauís.

Pergunto por que os saarauís eram mantidos como reféns e Ahmed se apressa em responder nossa pergunta. "Primeiro por causa das mulheres, vocês compreendem, não é? (diz, insinuando abusos contra as mulheres prisioneiras por parte dos marroquinos). Em segundo, para usar nosso povo como um verdadeiro escudo humano. Os marroquinos usam as populações saarauís como escudo de proteção, particularmente em locais onde nossos aviões bombardeiam."

Ele faz uma pausa, ouve uma pergunta sobre o dilema que deve ser bombardear pontos onde os saarauís servem como escudo e responde: "Não sou combatente, mas posso garantir que o nosso exército faz o máximo de esforço para poupar a população civil."

Nós vamos conversando entre os escombros do que era Lebuirat, enquanto nosso guia vai mostrando, em pontos distantes, grande quantidade de tanques destruídos. Ele fala com tal riqueza de detalhes que não resistimos e perguntamos se ele não teria participado da batalha. Ahmed torna-se então enigmático: "A vitória é do nosso Exército de Libertação."

Onde está o Exército de Libertação? – Após dois dias no Saara esta questão se torna quase obsessiva. Do Exército de Libertação tínhamos visto apenas um pequeno vestígio: centenas de marcas de pneus de carros riscando a areia em todas as direções. Mas onde ele estaria?

Pelos cálculos dos observadores e peritos militares, o Exército de Libertação tem entre 12 e 15 mil homens. É um

As crianças aprendem desde cedo a conviver com as agruras da guerra e a dura vida no deserto

só podemos desativar aquelas que são obstáculos para os povoados. As demais ficam por aí, à espera que a guerra termine."

Intimidade com o deserto – Saímos de Mahbés em direção ao norte, circundando antes as últimas barreiras de arame farpado que serviam de obstáculos para o exército de libertação. Agora, não passam de objetos inúteis naquela cidade de cadáveres e silêncio, onde o povo saarauí começa a difícil tarefa da reconstrução.

O que nos surpreendeu nesse primeiro contato foi a intimidade dos saarauís com o deserto. É como se estivessem em casa. Não há segredos para eles naquela imensidão de areia que se prolonga indefinidamente por toda a parte. A impressão que dá é que herdaram o sentido de orientação da memória coletiva dos seus antepassados nômades. Concretamente, não há outra explicação senão a experiência adquirida no dia-a-dia de luta. Quantos milhares de quilômetros não terão percorrido cada um daqueles homens desde o início da luta armada? Talvez seja a experiência que lhes permite não passar por dificuldades. Nem para encontrar água, nem para escolher um local seguro para comer e descansar, nem para encontrar uma acácia que possa oferecer boa sombra para enfrentar o sol. Às vezes, encontram água apenas a um palmo do solo.

Durante toda a viagem sua hospitalidade nos cativa. Encontrado o local para a refeição, imediatamente eles se lançam ao trabalho, deixando que os hóspedes descansem: limpam o terreno, colocam os colchões no chão, preparam a comida e trazem o chá. Há ainda um outro detalhe que nos chama a atenção: sua discrição. Propositamente, se instalam a alguns metros de nós para que fiquemos mais à vontade para comer e conversar.

À medida que fomos avançando fomos sendo absorvidos pela mudança gradual de paisagem, onde a planície dava lugar a ravinas.

"Ali ao fundo (diz o guia apontando o território marroquino) ficam os fortes do Uarkziz. Foi ali que em março nossas tropas infligiram uma das mais pesadas derrotas já sofridas por Hassan. Destruímos as suas 'invencíveis' unidades móveis *Uhud* e *Zellaga*."

O número de tanques calcinados aumenta conforme avançamos em direção ao sul. Perto dos destroços de um caminhão de transporte de munição, os guerrilheiros param o carro e saltam agilmente. Não é nada ligado di-



AS GRANDES REPORTAGENS

exército que demonstra bem a capacidade de organização e a determinação do povo saarauí. Perfeitamente hierarquizado e disciplinado, funciona como uma força armada moderna. É distribuído por regiões militares e dividido em tropas com especialidades diversas, envolvendo desde os temidos grupos de comandos aos corpos de artilharia e comunicação.

Sua estrutura é uma das coisas que as autoridades da Rasd conservam fora do alcance dos olhares indiscretos de jornalistas e observadores estrangeiros. Principalmente no que se refere às suas ações em combate. São unidades muito ágeis e mobilizam milhares de homens para combates nas diversas regiões do deserto. Sem êxito, aviões marroquinos, equipados com aparelhos sofisticadíssimos, tentam, de muito alto localizar o Exército de Libertação. "Os aviões temem voar baixo. Há sempre o risco de serem abatidos", diz o nosso guia.

E não é só na guerra aérea que os marroquinos vêm perdendo terreno. Ao fim de seis anos de ocupação, as forças marroquinas estão limitadas a poucos pontos do território saarauí, vivendo entre minas, arame farpado e trincheiras, onde a vida é perigosa e o abastecimento de víveres e munição é bastante precário. Sem mobilidade, só se arriscam a sair em colunas com centenas de blindados e viaturas. Geralmente, só se dispõem a esse tipo de operação quando a situação é de completo desespero.

O próprio Hassan já não considera a guerra do Saara como uma questão de dias; o ufanismo inicial cedeu lugar à dura realidade de que para o Marrocos hoje a questão da guerra se limita ao reduzido "triângulo útil", com apenas 600 quilômetros, onde a questão vital é manter El-Aiun e as minas de fosfato.

Nas nossas duas viaturas, o moral dos guerrilheiros é excelente. Eles não perdem oportunidade de fazer brincadeiras: "A estrada de ferro que Hassan inaugurou, ligando Marrakesch a El-Aiun, vai custar caro. Ela nunca vai chegar lá", dizem, em tom irônico.

Mais sisudo que seus companheiros, nosso guia aproveita a oportunidade para mostrar uma realidade

irrefutável: "A diferença entre nossos combatentes e os marroquinos é esta, diz ele: nós rimos enquanto percorremos o deserto, porque o deserto é nosso; os marroquinos não podem fazer o mesmo. Vivem metidos nas trincheiras de onde não podem sair sequer para fazer suas necessidades fisiológicas."

O guerrilheiro de Huza – A viagem prossegue até Jderia. De Jderia, cidade natal do ministro da Defesa da Rasd, Ibrahim Ghali, tomamos uma estrada em direção a Huza e Smara.

A paisagem é quase imutável: destroços por toda parte e apenas raras, raríssimas construções. No alto de um depósito, que permanece intacto, vê-se a bandeira da Rasd. Flutua no ar, sobre a cidade, como símbolo de uma nova soberania, em contraste com dois gigantescos símbolos do passado recente, que, em baixo relevo, são visíveis ainda num monte, próximo à cidade. Trata-se dos símbolos da legião espanhola (*Los Tercios*) e a estrela do poder da dinastia aluíta do Marrocos.

O comandante da nossa coluna anuncia: "Vamos agora visitar Huza. É a minha cidade." Ele conta que, antes de ingressar no Exército de Libertação, em 1974, vivia da venda de camelos e tinha algumas cabras. "Os colonizadores espanhóis só ofereciam aos saaraúis emprego na construção de estradas. A mim nunca ofereceram nada."

A partir deste instante o comandante, para nós, passou a ser o "guerrilheiro de Huza".

Huza é um pequeno povoado, encrustado numa pequena montanha. Foi uma das primeiras cidades libertadas, no ano de 1977. O monte foi quase pulverizado pelo bombardeio marroquino. Não foi atingida apenas uma casa, a mansão de um inglês, construída no alto do monte, inexpugnável no começo do século. Esta casa inspirou o nome da cidade, "The House". Perto dela há dois aviões abatidos.

Quando chegamos a Huza tivemos uma surpresa. Mais uma vez, sentimos a cordialidade dos guerrilheiros. Nos preparávamos para nos instalar, quando dois deles saltaram de uma viatura e vieram nos oferecer um cordeiro, que tinham acabado de matar, e alguns vegetais. Lamentavam que tivéssemos chegado tarde:

"Vocês vão perder uma boa oportunidade de conhecer melhor a vida dos nossos combatentes", disseram.

Durante a noite e a madrugada não cessaram os disparos de armas ligeiras e semipesadas. "É treinamento de tiro", nos tranquilizou o guia.

No dia seguinte, antes de regressarmos, tivemos o cuidado de recolher outra curiosidade do deserto: o *atil*, um arbusto do interior do Saara que serve como eficaz branqueador de dentes. Depois, iniciamos a longa viagem de regresso à fronteira argelina.

No caminho, cruzamos com um gigantesco carro-tanque, seguido por uma camionete com sete guerrilheiros que nos saudaram amistosamente. Era a última imagem de uma viagem de mais de mil quilômetros pelas áreas libertadas da Rasd.

